

Ulysses combate prorrogação

"Eu vou para a rua lutar contra isso" — afirmou, enfático, o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, numa reunião realizada em sua residência à noite de anteontem, com a presença, entre outros do ministro da Previdência, Renato Archer, e do deputado Cid Carvalho, quando ficou claro que muitos interesses apontam para o adiamento das eleições municipais previstas para este ano, inclusive a crise econômico-financeira.

"Adiar uma eleição por

um minuto pode ser por um século" — sentenciou Ulysses, quando alguns dos presentes faziam análises concluindo que vários fatores conspiravam contra a realização de eleições municipais em 1988, desde o interesse da elite dirigente em afastar o embaraço eleitoral para facilitar o combate à inflação até o dos governadores em se livrar de uma consulta problemática.

LUTA

Alguns dos presentes

procuravam mostrar a Ulysses que existe a consideração, ainda, o interesse da maioria dos parlamentares em fugir a uma consulta eleitoral que exigirá de todos grandes gastos para a campanha dos seus candidatos a prefeitos, vice-prefeitos e vereadores.

O presidente do PMDB não quis nem conversa, argumentando que, numa situação delicada como a que atravessamos, o cancelamento de uma eleição pode ser um péssimo aviso a respeito do futuro. Por isso

mesmo, ele disse que adiar uma eleição por um minuto pode vir a ser por um século. E prometeu que irá às ruas para protestar, se a maioria, dos constituintes marchar para uma decisão que considera um erro irreparável.

O presidente do PMDB julga que a situação brasileira é tão delicada que o único instrumento de consolidação do processo de redemocratização é a Constituinte. Preocupa-o o atual estágio dos trabalhos, em face do interesse que sucedeu à vitória do presi-

dencialismo com mandato de cinco anos.

Acha que o retardamento dos trabalhos na Constituinte só pode interessar às forças que estão notoriamente interessadas em interromper o processo de transição através de um novo golpe. Por isso mesmo, o político paulista examina as diversas formas de voltar a acelerar o trabalho de elaboração do novo texto constitucional, como o único caminho capaz de evitar o golpe concebido por algumas forças.

GIVALDO BARBOSA



Ulysses conversa com Lula, no Plenário: contra mais tempo para os prefeitos

Covas sai se PMDB adiar as eleições

O senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, ameaçou desligar-se do PMDB, "caso este partido cometa a suprema indignidade de votar prorrogação de mandatos". Bastante exaltado em função das críticas recebidas por seu partido com relação ao assunto, o senador paulista, em um aparte concedido por Ulysses Guimarães na sessão de ontem da Constituinte, deixou claro que só fazia uso da palavra para rebater as acusações de deputados de outros partidos "tentando jogar sobre as costas do PMDB esta indignidade, esta ignomínia que se chama prorrogação de mandato".

O pronunciamento do senador foi feito ao final de uma tumultuada sessão de pinga-fogo, onde o assunto principal passou a girar em torno da denúncia de que um dos principais articuladores da prorrogação dos mandatos dos prefeitos seria o deputado Irajá Rodrigues (PMDB-RS), presidente da Comissão de Finanças da Câmara e que estaria orientando os prefeitos a refazerem seu programa de obras acrescentando mais um ano aos cronogramas em curso.

Covas disse que a grande luta que se trava neste País, neste instante, "não é ideológica, entre direita e esquerda, entre os mais avançados e os que tradicionalmente se dizem mais atrasados. É uma luta entre quem tem caráter e quem não tem".

"É preciso — continuou — que se diga que, nesta altura não estamos discutindo o tipo de governo. Tenho o maior respeito por qualquer decisão desta Casa. O resultado, portanto, é inquestionável. Mas nem por isso, daqui para frente, aceito que quem quer que seja, impunemente, venha assacar calúnias contra este partido, que é o partido de V.Exa. (Ulysses Guimarães) e da história da resistência democrática neste País. Não aceito que este partido, agora, passe a ser joguete na boca de quem quer que seja. Porque esse partido tem um papel a desempenhar. O papel de estar ao lado da dignidade, da consciência e do caráter e estar contra qualquer forma de indignidade".

Collor deixa o partido se Sarney vencer

GUSTAVO KRIEGER
Correspondente

Porto Alegre — "Se passarem os cinco anos, saio do PMDB". A advertência é do governador de Alagoas e candidato lançado à presidência da República, Fernando Collor de Mello, para quem, "se aprovar os cinco anos, o PMDB acaba". Collor esteve ontem em Porto Alegre, onde falou para cerca de 200 empresários e depois se reuniu com o governador gaúcho, Pedro Simon.

Para o governador de Alagoas, a aprovação dos quatro anos nas disposições transitórias da Constituinte é a única chance de recuperação política do PMDB. Ele admite que a saída de deputados progressistas foi uma perda de substância do partido, mas acha que o quadro é reversível, se forem aprovadas as diretas. Entretanto, se passarem os cinco anos, adverte que sai do PMDB e que pode ser inclusive candidato à Presidência da República por outra legenda.

Ele acha um erro a saída agora dos progressistas, afirmando que estes devem lutar "contra o domínio do bloco fisiológico e sarneyista". Assumindo a condição de candidato à Presidência da República, diz que pretende se candidatar pelo PMDB, a não ser que passem os cinco anos.

Na palestra com os empresários, Collor de Mello voltou a fazer do combate à corrupção sua principal bandeira, prometendo inclusive que no seu primeiro dia como presidente "colocaria um milhar de ladrões e corruptos na cadeia". Ele criticou duramente a corrupção na Constituinte, afirmando que foram gastos Cz\$ 9,6 bilhões para "garantir a aprovação dos cinco anos".